

CRÔNICAS E POEMAS¹

CHRONICLES AND POEMS

Francisco Aurelio Ribeiro*

Stonehenge e seu misticismo

Há muito tempo, desejávamos visitar Stonehenge, na Inglaterra, mas a pandemia de coronavírus adiou nossos planos. Agora, chegou a hora e conseguimos. Valeu a pena! Saímos de Southampton, o segundo maior porto da Inglaterra, com uma excelente guia, e passamos por lugares incríveis como a New Forest e Salisbury, com a sua Velha Sarun, como é conhecida sua imponente catedral. Confesso que me deu vontade de parar e ficar em Salisbury. O centro histórico estava todo enfeitado de bandeirinhas e nos lembrou as nossas tradicionais festas de São João. Ao chegarmos a Stonehenge, após uma hora e meia de uma viagem muito agradável, avistamos da estrada as famosas pedras, em formato circular, cujo significado real até hoje ninguém descobriu. Existem algumas teorias ou suposições, criadas após as descobertas de alguns indícios. A primeira é que

¹ Textos inéditos de Francisco Aurelio Ribeiro, gentilmente cedidos para este número da *Fernão*.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Stonehenge era um templo onde os druidas, os sacerdotes celtas, realizavam sacrifícios humanos em oferenda aos deuses. Já no século vinte, o astrônomo Sir Norman Lockyer sugeriu o que, atualmente, é considerado o verdadeiro objetivo da edificação: um calendário que capacitava os antigos sacerdotes a calcular as posições do Sol, da Lua e dos planetas, ao longo do ano. Espaços entre os trílitos (três pedras, sendo duas verticais e uma horizontal) permitem uma visão acurada das ascensões solares e lunares, enquanto as aberturas entre eles, uma série de 56 cavidades cheias, servem como uma sofisticada calculadora de eclipses lunares. Portanto, Stonehenge tem sua fama por sua dupla natureza: um lugar ceremonial, de práticas místicas e religiosas, e um calendário astronômico, quase científico, que mostra como o conhecimento das estações do ano e do próprio tempo ligava-se, intimamente, às práticas agrícolas, época de plantio e de colheita, intimamente ligado a antigas práticas religiosas e rituais.

A palavra *henge*, em inglês, significa um círculo pré-histórico constituído de grandes pedras ou objetos de madeira. Stonehenge não foi o maior deles. O grande complexo megalítico de Avebury, em Wiltshire, próximo dali, foi, no passado, maior do que Stonehenge. Sua parte mais antiga, o “Santuário”, data da mesma época, cerca de 3.000 a.C. Havia um enorme círculo de 90 blocos de pedra, cada um com cerca de cinco mil toneladas, e dois círculos menores com 30 pedras cada. Na Idade Média, muitas das pedras foram utilizadas em outras construções ou enterradas, para desencorajar ritos pagãos. Stonehenge foi construída, inicialmente, cerca de 3.000 a. C, em madeira. O primeiro “henge” era de pedras azuis, compreendendo uma vala circular de 98 metros de diâmetro e com as 56 “Aberturas Aubrey”; os espaços entre elas, foi construído por volta de 2.000 a.C. Muitas das pedras azuis foram retiradas, quando se ergueu Stonehenge III, ao redor de 1.900 a.C, o grande círculo de 30 megalitos (grandes pedras) com lintéis (verga de madeira ou pedra que constitui o acabamento da parte superior de portas e janelas) e uma fenda constituída por cinco trílitos. Stonehenge se alinha com a velha catedral de Salisbury e a outras construções neolíticas ou medievais próximas dali. Enfim, há todo um misticismo em torno

dessas ruínas e isso fez seu tombamento pela Unesco como “Patrimônio Mundial da Humanidade”, juntamente com Avebury, em 1986. Dali pra cá, se tornou um dos lugares mais visitados da Inglaterra e do mundo.

Ao chegar ao Centro de Visitantes, há uma exibição com vários objetos arqueológicos e uma experiência audiovisual em 360°, que nos dá uma amostra da história de Stonehenge e de suas relações com outros sítios históricos próximos dali. Após a ida ao banheiro e ao café, é hora de se dirigir às pedras. Há duas maneiras: uma de ônibus gratuito, e, em menos de dez minutos, você é deixado bem perto do monumento; a outra é ir a pé, caminhando pelo pasto, entre as vacas inglesas. Como o tempo estava agradável e convidativo, fomos a pé, para nos preparamos para a longa espera de aeroporto, que teríamos mais tarde. Foi bom, mas não recomendo para os que não tiverem boa disposição e boa forma física. Adoramos Stonehenge. Valeu a espera.

Safári na Tanzânia

Hakuna matata é a expressão em suaíli, língua oficial da Tanzânia, que bem define o país: “Sem problema” ou “Não se preocupe”. A frase é muito utilizada em países como a Tanzânia e Quênia, com o sentido de “ok” e “sem problemas”, para responder perguntas. “Hakuna” significa não há e “matata” significa problemas. A frase ficou famosa na época do lançamento do filme “Rei Leão”, em 1994, pois dá nome à canção temática. Para quem quer conhecer um país africano tranquilo, acolhedor, com muitas belezas naturais quase intocadas, grande diversidade cultural, a Tanzânia é o que há de melhor.

Acabo de chegar de lá, após um longo voo, via África do Sul. A vantagem é que vim pela South África e o vinho servido a bordo é muito bom, além das películas e do bom serviço de bordo. Há uma grande diferença, quando voamos por

companhias europeias e não europeias. Viajar pela Air France, KLM e Air Europa, na classe turística, é uma verdadeira tortura. Por outro lado, as asiáticas Etihad, Singapore, Catar e as africanas South África e Ethiopian dão aos viajantes das classes econômicas uma dignidade que as europeias ignoram.

A Tanzânia possui cinquenta milhões de habitantes e dez por cento vivem em Dar-es-Salam, uma metrópole às margens do oceano Índico. De cima, geograficamente. Me lembrou Vitória, capital do Espírito Santo, pelo canal e o porto da cidade. Embaixo, no entanto, é bem diferente, com um trânsito caótico, quase sem semáforos, ruas espremidas de pedestres, carros velhos, tuc-tucs, ônibus modernos e pequenos entupidos de gente, poeira, cheiro de óleo diesel, esgoto na rua e pedintes, geralmente refugiados da Etiópia ou da Somália.

Dar, como a chamam, tem bons hotéis, diversos restaurantes com uma comida bem saborosa, muita influência india e uma tranquilidade africana. Está situada proporcionalmente à altura da Bahia e, em alguns momentos, me senti em Salvador. Até a comida picante é a mesma! Lá, visitei o Museu Nacional, o Jardim Botânico, igrejas e praças. Caminhei uns cinco quilômetros pelas ruas, no meio do povo, curtindo-lhe a beleza dos trajes, o contraste de suas peles negras e roupas imaculadamente brancas ou multicoloridas.

O maior atrativo da Tanzânia são seus Parques de Proteção à Vida Natural e os mais famosos são o Serenguetti e o Ngorongoro, na fronteira com o Quênia. Para chegar lá, tem-se de ir de avião até Arusha, a segunda maior cidade do país. Além dos Parques Nacionais, existem as Reservas onde se pode caçar, sendo uma das maiores a Selous, com 55 mil quilômetros, maior do que muitos países e até mesmo o Espírito Santo, com 45 mil quilômetros. Há uma taxa que se paga para matar bicho, variando de 300 dólares para um Impala (pequeno veado) a 50 mil dólares (um leão). Acho isso terrível, mas é de onde tiram renda para sustentar os parques e sua enorme estrutura. Visitei o Mikumi, o quinto maior do país, com 3.500 quilômetros e, em um dia, percorremos 250 Km fotografando

impalas, gnus, zebras, girafas, hipopótamos, elefantes, crocodilos e macacos aos milhares, que roubaram parte do meu almoço. Adorei e vi um dos mais belos pores de sol da minha vida, na lagoa dos hipopótamos. Pretendo voltar à Tanzânia e visitar outros parques, incluindo o do Kilimanjaro, o maior pico da África, com 5.600m de altura. Não tenho mais idade para subi-lo, pois o trekking até lá leva uma semana, apenas fotografá-lo. Em compensação, tomarei algumas Kilimanjaro, a boa cerveja de lá, enquanto os mais jovens fazem essa aventura.

No Paraguai com os chilenos

Era julho de 1975, faltava um mês para fazer vinte anos e eu estava de férias, na Faculdade, e na escola onde lecionava português. Pela primeira vez, resolvera tirar uns dias de férias e ir a São Paulo, onde morava uma tia, irmã de meu pai. Comprei a passagem de ônibus de Guaçuí a São Paulo, um dia e uma noite de viagem. Ao chegar lá, vi o guichê de venda de passagens para Foz do Iguaçu e decidi esticar a viagem. Na fila, conheci um jovem chileno, Agustín Figueroa, o Tito, que tinha saído do Chile após o golpe do Pinochet, em 1973, e viera para São Paulo trabalhar. Estava indo ao Paraguai para visar o passaporte e, depois, ingressar, novamente, no Brasil. Viajamos juntos e, na viagem, me contou como tinha sido o golpe militar no Chile, o que sua família sofrera, por ser de esquerda, e sua intenção de juntar dinheiro para ir para a Europa.

No Brasil, vivíamos os “anos de chumbo”, ausência total de liberdade, censura, exílio de artistas e de políticos, muita repressão, enquanto nos atormentavam com o “Ame-o ou deixe-o” da propaganda oficial e o ufanismo patrioteiro dos militares. Como tinha perdido os pais, era tutor de meus irmãos; por isso, não podia sair do país, embora tivesse tirado o passaporte, pois meu sonho era, também, emigrar para a Europa. Não tinha nenhuma esperança e sonho de viver

no meu país. Esperava, apenas, a maioridade dos meus irmãos e terminar a faculdade, para ir embora.

Ao chegarmos a Foz do Iguaçu, atravessamos a fronteira a pé, pela ponte da amizade. Tito carimbou o passaporte e eu mostrei a Carteira de Identidade. Ele me disse que teria de ficar, pelo menos, um dia no Paraguai e me perguntou se eu gostaria de ir com ele até Assunção, a capital do Paraguai, em vez de ficarmos na feira e promíscua Puerto Strossner, atual Ciudad Del Este. O Paraguai também era uma ditadura e o caudilho paraguaio dava nome a tudo. Pegamos o Expresso Caaguazu, um daqueles ônibus tipo “marinete” da novela *Tieta*, que parava em toda biboca e catava todos e tudo que havia pelo caminho. Eram, em sua maioria, nativos daquele país, que conversavam entre si em guarani, uma língua repleta de as e de us. Só nós dois éramos estrangeiros e eles sorriam para nós, certamente estranhando nossas roupas e modos. Pelo caminho, nos alimentamos de frutas, de milho verde, de alguma coisa vendida pelos milhares de comerciantes pobres.

Ao chegarmos a Assunção, à noite, procuramos uma pensão barata, onde jantamos uma sopa rala, onde boiava uma coxa magra de frango anêmico e desmaiámos de cansaço. No outro dia, circulamos a pé pela cidade, conhecendo lugares e pontos turísticos, o belo lago Ypacaraí, famoso nas guarâncias paraguaias e, à noite, fomos ao imponente Teatro Nacional assistir a um show folclórico com entrada gratuita. Lá, nos enturmamos com chilenos ali exilados, e eu repetia o que eles gritavam, sem saber que eram sonoros palavrões. Tudo era farra e a noite era de riso. Comemorávamos a vida e a juventude, embora nos fosse privada a liberdade.

No dia seguinte, retomamos o Expresso Caaguazu até a fronteira, atravessamos a ponte, Tito recarimbou o passaporte e nos despedimos. Ele retomou a viagem para São Paulo e eu continuei a minha pelo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ao chegar a Porto Alegre, não tinha mais nem um tostão. Vendi meu

relógio, o único bem de que dispunha, pelo preço da passagem de ônibus de Porto Alegre ao Rio de Janeiro, uma viagem de 48h. O difícil era não ter dinheiro para comer, mas fiz amizade com algumas pessoas do ônibus, que me davam algum alimento do que sobrava das refeições que faziam. Ao chegar ao Rio, liguei, a cobrar, para um amigo, estudante de Medicina, que foi ao meu encontro na Rodoviária e me comprou uma passagem até Guaçuí. Durante algum tempo, me correspondi com o Tito, que ainda estava querendo sair do Brasil para ir pra Holanda. Não sei se conseguiu.

Meninos, eu vi

A estrada corta a paisagem
das verdejantes planícies acreanas.
As rotas levam a Cobija.
A cobiça cria infinitas retas.
De um lado a outro da pista,
o gado branco colore a paisagem
e o verde viceja em sobreviventes igarapés.
Saciar a humana fome carnívora
à custa da mata destruída
é a lei imutável da vida?
Cá, havia a amazônica floresta,
disputada a ferro e fogo por índios e seringueiros,
de que só restaram fantasmas
- gigantescas árvores calcinadas,
braços estendidos ao céu,
a clamar o direito à existência.
Minha terra tinha palmeiras,
onde cantava o uirapuru,
piava o jacamim,
brincava o curumim.
Nas matas viviam nambus,
chorós, onças e jacus,
pacas, tatus e cutias.
"Vê que vida há no céu,
Vê que vida há no chão.
A natureza, aqui,
Perpetuamente em festa,

É um seio de mãe
A transbordar carinhos.”
Era, Bilac, a festa acabou.
Lá, Plácido de Castro
e Chico Mendes
pranteiam a terra enlutada.
Na estrada, um urubu-rei solitário,
em busca do que comer,
desvia-se do carro em velocidade,
num golpe repentino,
para, também, não morrer.

(Rio Branco, AC, fevereiro de 2011)

Apocalipse

A chuva que cai lá fora
Não rima com a estação.
O olhar do cego no ponto de ônibus
Perturba o amor de Clarice.
Um raio inesperado caiu
E matou a vaca do patrão.
E era Natal.
O que fazer, então?
Poesia e rimar com coração?
Esmagar os ovos na roupa
E epifanizar-se?
Enterrar os mortos
E esperar a ressureição?
No Himalaia, alpinistas
Morrem de exaustão.
Em Cabul e Bagdá,
Muitos na explosão.
Muezins e imãs clamam
Por oração.
Tão forte quanto a prece
E poderoso como Alá
No Rio ou em Washington
Outros Sadans incitam a matar.
Drummond escreve com letras de macarrão.
Bandeira foge pra Pasárgada.
Jorge de Lima reinventa Orfeu.

Pessoa apascenta rebanhos.
Eu – poeta menor – leio
E arreio
As bestas do Apocalipse.

No aeroporto

Em Colombo, no aeroporto, há de um tudo
Da diversidade humana:
Homens de saia
Mulheres de sári;
Muçulmanas emburcadas,
Ocidentais embermudadas.
Calças saruel para eles e elas
- ocidentais e orientais -
Quase todos usam sandálias
- Japonesas ou havaianas?
Peles brancas queimadas ao sol
São, agora, peles vermelhas;
Peles escuras de todos os tons:
Do negro azulado ao cinza tisnado.
Coreanos chegam em grupos grasnando
Tais quais maritacas na fruteira.
Aeromoças cingalesas desfilam
Sáris azuis-celestes na pista
Grudadas ao celular.
Todos, na sala, estão conectados,
Vício coletivo dos tempos atuais.
Ninguém conversa com o próximo,
Só com o distante.
A aldeia global se concretizou,
Mr. Mac Luhan, tá ligado?
Indianos desfilam com orgulho
As marcas das empresas nas camisas.
Estupefato, tudo vejo e nada falo.
Estou só no aeroporto, sou mais
Em meio à humana diversidade.

Espera no aeroporto de Colombo II

Aqui, normal é a diferença.
Monges budistas em túnicas alaranjadas
Checam e-mails no celular.
Imãs xiitas ou sunitas, quem saberá
O parentesco com Maomé?
Comem x-chicken e tomam café ou chá.
O sári da matrona a cobre da cabeça ao pé.
Cabelos pintados, raspados, lisos, crespos,
Em coque, chanel, longos, ondulados,
Soltos, as cristãs, cobertos, as muçulmanas,
Bem tratados ou ressecados ao sol,
São ícones de diversidade cultural.
Orientais andam ao bando, de Seul, Hong Kong,
Kuala Lumpur, Tokio, Pekim, Singapura,
A invasão amarela tomou conta do mundo
Como as lojas de departamento ou o Mac Donald.
Alguns são mais silenciosos, conectados aos telemóveis;
Outros falam alto, impõem-se, sem cerimônia.
Chegaram pra ficar. Vieram, viram e venceram.
Olho a tela de voos, o meu está próximo, rumo a Mumbai.
Esperar em aeroporto é um tormento ou uma curtição.
Para o cronista, poeta de araque, laboratório de criação.
Anacrônico e dialógico, pego o livro em papel,
Peixe fora da rede digital, procuro me concentrar,
Mas não dá. O que vejo é melhor do que o que leio.
Paro a leitura e olho as aeromoças chinesas,
Quais soldadinhas de Mao ou Ping, em fila indiana,
Com seus risinhos e quiquis, bibelôs de porcelana.
Em meio a duas indianas que falam sem parar,
Ouço meu voo a chamar. Ufa! Namastê! Tchau, Colombo.

Inútil indagar o tempo

Daqui e dali
Vejo relógios
Do Dali
A escorrer de árvores
Secas

De armários rústicos
De braços
Esquálidos
A indagar
O tempo.
Qual o tempo
De agora?
Qual o de
Outrora?
Qual o tempo
Do porvir?
Não há resposta.
Apenas o deserto
Responde
Inútil
Como o tempo
Perdido!

O Amanhã

Abrir a janela
E não encontrar o sol.
O tempo que se vislumbra
Cinzento
Pressagia a manhã.
No céu, nuvens negras
Agouram tempestades.
No entanto, virá a bonança.
Qual Noé milenar,
Calafetemos as arcas,
Selecionemos os animais
E aguardemos o escurecer.
Pombas, arcos-íris
E ramos de oliveira –
Sonhos bíblicos –
Guardados no inconsciente
Poderão ressurgir.
Fechar a janela
E esperar o amanhecer.

Selfie para quê?

Por mais que se estique o braço,
Não agrada o que vejo na lente:
Cara larga,
Cabelos ralos,
Olhos embaçados,
Testa vincada,
Boca arqueada.
Melhor desviar a câmera
E focar a paisagem.
O sol que aquece o inverno
Não aparece na alma.
E a vitalidade de outrora
Ficou perdida
Em velhos álbuns de fotos
Do passado.